



FATORES QUE IMPACTAM NO TEMPO DE PERMANÊNCIA DE EMPRESAS DE PEQUENO PORTE: ESTUDO NO LITORAL DE SANTA CATARINA

ANA CÉLIA BOHN, ana.bohn@catolicasc.org.br, FURB
CINARA GAMBIRAGE, naraboniii@hotmail.com, FURB
JAISON CAETANO DA SILVA, jaisoncsilva@hotmail.com, UNIVALI
NELSON HEIN, hein@furb.br, FURB
ANANIAS LARGAS, anancias.iargas@gmail.com, CATÓLICA SC

RESUMO

Este estudo visa apresentar os principais fatores que mais impactam na longevidade das Micro e Pequenas Empresas (MPEs) do Litoral Norte do estado de Santa Catarina. Para tanto, utiliza-se de uma pesquisa teórico-empírica, de natureza quantitativa, de caráter descritivo com a utilização das técnicas de análise multivariada de dados. A amostra contou com 36 empresas que encerraram suas atividades no período de 2014 a 2016. Como instrumento de coleta de dados, utilizou-se um questionário estruturado. Os principais resultados apontam como fatores preponderantes para o encerramento das atividades das empresas nos três primeiros anos o nível de conhecimento gerencial e a carga tributária. Esses dois fatores dobram as chances de a empresa falir até o terceiro ano de existência. Os resultados corroboram o referencial teórico, no que tange ao despreparo dos empreendedores na formulação e abertura de um negócio.

Palavras-chave: Empreendedorismo. Mortalidade empresarial. Micro e Pequenas Empresas.

INTRODUÇÃO

Uma das características mais importantes da economia global na atualidade são o crescimento do papel dos jovens empreendedores e seus respectivos empreendimentos inovadores, bem como, a partir dos anos 1990, a exploração das motivações para o padrão do ritmo de internacionalização de novos empreendimentos – empresas com até oito anos de vida (ZAHRA; GEORGE, 2010; JONES; COVIELLO; TANG, 2011).

Esses empreendedores, por sua vez, abrem pequenos negócios que são representativos em seus países. No Brasil, as MPEs contribuem com 20% do produto interno bruto (PIB), conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e, de acordo com a pesquisa realizada pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e o Departamento Intersindical de Estatística Estudos Socioeconômicos (DIEESE), estas empresas comportam 52% dos empregos privados no país (SEBRAE; DIEESE, 2011).

Considerando a relevância dessas empresas para a economia brasileira e sua prematuridade no encerramento das suas atividades, bem como a incipiência das pesquisas nessa temática, objetivou-se com a presente pesquisa analisar quais são os fatores que mais impactam no tempo de permanência de empresas de pequeno porte no Litoral Norte de Santa Catarina.

Como procedimentos metodológicos adotados para o cumprimento do objetivo proposto, este estudo contou com uma pesquisa teórico-empírica, de natureza quantitativa, de caráter descritivo com a utilização das técnicas de análise multivariada com o uso da técnica estatística da regressão logística binária sob o método *Backward Stepwise*.



Para o tratamento dos dados, utilizou-se o *Software* Estatístico SPSS® (*Statistical Package for the Social Sciences*) versão 21. A amostra contou com 36 empresas que encerraram suas atividades no período de 2014 a 2016. Como instrumento de coleta, utilizou-se um questionário estruturado enviado aos ex-empresários por meio da ferramenta *google forms*.

Os principais resultados apontam que o nível de conhecimento gerencial e a carga tributária são os fatores mais preponderantes para que as empresas encerrassem as suas atividades nos primeiros três anos de atividade e, praticamente, duplicam a chance desse evento. Esses resultados corroboram o referencial teórico, no que tange ao despreparo dos empresários na formulação e abertura de um negócio.

Nesse sentido, este estudo, enquanto contribuição acadêmica, tenta ampliar o debate acerca do tema da falência precoce das micro e pequenas empresas; enquanto contribuição prática, pode ser utilizado em ações governamentais, instituições, entidades de classe como das próprias MPEs em funcionamento, para que tais empresas desenvolvam estratégias que minimizem os riscos de seu negócio.

BASE TEÓRICA

Na sequência, apresenta-se o referencial teórico que compreende Empreendedorismo, Micro e Pequenas Empresas e Mortalidade empresarial.

EMPREENDEDORISMO

A dinâmica e o crescimento da economia dos países em desenvolvimento, os chamados países emergentes, dependem em grande parte da capacidade de criar empresas capazes de sobreviverem para gerarem trabalho e renda para a população economicamente ativa (FERREIRA *et al.*, 2012). Para tanto, é necessário manter a sustentabilidade da empresa por longos períodos de tempo, levando estes países a alcançarem um patamar superior de produção de bens e serviços e um posicionamento mais estratégico na economia global. Este seria o modelo ideal.

Em termos de empreendedorismo internacional, Jones, Coviello e Tang (2011) comentam que este campo de estudos vem crescendo e as contribuições acadêmicas têm sido notáveis para a integração teórica e metodológica do tema, o que corrobora com Zahra e George (2010) quando afirmam que o interesse pelo empreendedorismo internacional aumentou rapidamente na última década.

Sobre empreendedorismo, Filion (1998) efetuou um estudo que contemplou o historicismo acerca do tema e discutiu as tendências no desenvolvimento da área. Os pioneiros, segundo seu estudo, foram Cantillon, Say e Schumpeter. A contribuição de economistas, tais como Hayek, Penrose, Kirzner e Casson, é mencionada no estudo de Filion (1998). Depois, vem a inserção dos behavioristas, estudiosos do comportamento e as características mais comumente atribuídas aos empresários.

A partir da década de 80, o campo do empreendedorismo ganha notoriedade e foi assimilado por diversas ciências. Duas tendências separadas, uma aplicada e a outra baseada em teoria, começaram a emergir. A seguir, Filion (1998) postula que o campo do empreendedorismo está em processo de divisão em duas entidades separadas: empreendedorismo – o aspecto aplicado; e empreendedorologia – o aspecto teórico.

Destarte, Borba, Hoeltgebaum e Silveira (2011), efetuaram uma análise da produção científica da área de empreendedorismo apresentada no *Academy of Management Meeting* (AOM), no período de 1954 a 2005, inclusive. Em seu construto, os autores destacaram noventa



e um (91) artigos da base de dados da Ebsco, no *Business Source Premiere*; os quais foram classificados quanto ao campo de estudos do empreendedorismo, com base nos temas propostos por Vésper (1977) e Schreier e Komives (1973). Neste feito, os destaques da pesquisa contemplaram a administração de pequenas empresas, empreendedorismo e inovação, e psicologia.

Em evidência ficou o campo de estudos em administração de pequenos negócios. Ainda, em inferência aos últimos cinco anos do AOM, o tema que se projetou foi a inovação. Devido a isso, a percepção dos autores foi de que os trabalhos destaques nos anos 1970 e 1980, como empreendedorismo e psicologia, perderam espaço gradualmente para trabalhos que se concentraram na administração de pequenos negócios e inovação, no final dos anos 1990 e metade dos anos 2000 (BORBA; HOELTGEBBAUM; SILVEIRA, 2011).

Hisrich, Peters e Shepherd (2009) afirmam que o empreendedorismo está diretamente ligado ao crescimento da vida econômica e social. “O papel do empreendedorismo no desenvolvimento econômico envolve mais do que apenas o aumento de produção e renda per capita; envolve iniciar e constituir mudanças na estrutura do negócio e da sociedade” (HISRICH; PETERS; SHEPHERD, 2009, p. 33).

Por sua vez, o empreendedor é o ser visionário, catalisador que ativa um conjunto de atividades gerenciais para levar o empreendimento para além das expectativas (FILION, 1993). Este empreendedor, conforme Zahra e George (2010) são os responsáveis pelos ativos da economia global, logo após o nascimento de empresas no caráter de inovação, neste novo milênio.

MICRO E PEQUENAS EMPRESAS (MPEs)

De acordo com o anuário (SEBRAE; DIEESE, 2011), até o ano de 2010, foram contabilizadas 6,1 milhões de micro e pequenas empresas, sendo que, a região sul concentra 23,3% das MPEs, ficando em segundo lugar no ranking. Isto faz pensar que, os fatores que impactam na prevalência destas empresas são significantes de observação e estudos para avaliar o que de fato as leva à mortalidade empresarial. Nesse sentido, considerando estes fatores como desafios para o empreendedor, este estudo discute a problemática em torno da extinção precoce das MPEs, considerando o setor em que atua, falta de capital de giro, nível de conhecimento gerenciais, cargas tributárias, despesas excessivas, falta de planejamento e crise econômica.

Sobre as micro e pequenas empresas, há ainda uma longa trajetória a ser percorrida no mundo do empreendedorismo. Foi somente a partir dos anos 80, que se formaram doutores em empreendedorismo, propriamente dito. Antes disso, a visão estava enquadrada no perfil economicista ou no perfil comportamentalista (FILION, 1999).

O processo gerencial dos empreendedores de pequenos negócios compreende aprender, monitorar, animar (dar vida), criar e visualizar seu negócio (FILION, 1999a), sendo que, o progresso de seu empreendimento depende da habilidade de instituir métodos de trabalho e de se concentrar em uma ou algumas visões emergentes. O interesse inicial conduz o empreendedor a focalizar, examinar, analisar e tentar entender o setor escolhido. Isso vem ao encontro dos estudos de Lima e Zoschke (2007), quando comentam que na gestão estratégica das MPEs há compatibilidade entre sua condição interna e seu contexto para continuar a existir e para poder se desenvolver em longo prazo. Nas organizações, a manutenção desta compatibilidade depende, em essência, da capacidade de aprendizagem de seus membros que, por fim, é uma preocupação central da gestão estratégica (LIMA; ZOSCHKE, 2007; FILION, 1999a).

Como característica central, as MPEs têm por regra os seus dirigentes como atores centrais e preponderantes no processo administrativo e como definidores dos rumos do empreendimento, ou seja, são os principais responsáveis pelo sucesso ou insucesso de seu negócio. Esta afirmação foi constatada no construto teórico e testado empiricamente por Lima e Zoschke (2007).

MORTALIDADE EMPRESARIAL

Conforme Sarasvathy e Venkataraman (2010), a mortalidade empresarial pode estar diretamente vinculada ao preparo e formação dos empreendedores, pois, afirmar que para não haver exclusão de potenciais empresários, o ideal é tratar o empreendedorismo como ciência e não apenas como uma profissão, trazendo-o para a educação básica, como já ocorre em alguns países de primeiro mundo. A arena apropriada para a educação empresarial é a escola. Pois que, este ambiente é propício para difundir um conjunto distinto de habilidades de raciocínio e resolução de problemas com ou sem ferramentas de negócios especializadas, do tipo encontrado em escolas de negócios formais.

Empreendedorismo, nesta visão, torna-se ainda mais do que um conjunto específico de habilidades; e, sim, um método generalizado, como o método científico, cujo exercício seria tão útil como a aritmética, a leitura ou a escrita (SARASVATHY; VENKATARAMAN, 2010).

Por fim, destaca-se que, de modo geral, há um consenso entre os autores de que a visão projetada sobre o futuro dos negócios representa a mola propulsora de sucesso de empreendedores bem-sucedidos.

Fatores de Mortalidade Empresarial

As elevadas taxas de mortalidade de empresa despertam o interesse dos pesquisadores em diversas partes do mundo e áreas do conhecimento, sendo os primeiros estudos na área da década de 1930. Nessa época, os estudos apontaram como principais fatores responsáveis pela alta mortalidade a falta de mão de obra especializada, a falta de infraestrutura, a instabilidade política e econômica, a rápida mudança de demanda por parte dos clientes (FERREIRA *et al.*, 2012).

Mais adiante, no início dos anos 1970, Ferreira *et al.* (2012), contextualizando Edmister (1972), comentam que este buscou aplicar ferramentas para predizer a falência das pequenas empresas, baseado em análises financeiras e sofisticadas técnicas estatísticas com o objetivo de testar a hipótese de que a má gestão financeira contribui para a mortalidade precoce de pequenas empresas, com uma certa margem de erro, e que a má gestão financeira pode ser considerada um dos principais fatores que contribuem para a mortalidade precoce.

Já Barrow (1993), dedicou-se a efetuar um levantamento das razões pelas quais as pequenas empresas britânicas fecham e os resultados foram: a) Falta de experiência do empreendedor; b) Falta de estratégia de marketing; c) Avaliação demasiadamente otimista do tamanho do mercado; Subestimar o tempo de alavancagem do negócio; d) Falta de capital de giro; e) Custo de criação da empresa muito alto; f) Capacidade produtiva menor do que a demanda; g) Escolha errada do ponto considerando maior volume de pessoas do que o real; e h) Seleção e gestão de pessoas sem competência para o negócio. Em atenção às assertivas expostas, notam-se os vários fatores que podem estar correlacionados ao construto tempo de permanência de empresas. Fatores estes, adaptados de Barrow (1993), que serão dispostos na análise dos dados.

MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

Como procedimentos metodológicos adotados para o cumprimento do objetivo proposto, este estudo contou com uma pesquisa teórico-empírica, de natureza quantitativa, de caráter descritivo com a utilização das técnicas de análise multivariada de dados a partir do uso do *Software Estatístico SPSS® (Statistical Package for the Social Sciences)* versão 21. A amostra foi delimitada com base nos registros de três escritórios de contabilidade de empresas que encerraram suas atividades no período de 2014 a 2016. A coleta de dados ocorreu em agosto de 2016 e, como instrumento de coleta, utilizou-se um questionário estruturado enviado a 120 ex-empresendedores por meio da ferramenta *google forms*. A amostra final contou com 36 empresas localizadas no Litoral Norte do estado de Santa Catarina.

Para elaboração da fundamentação teórica, foi feita busca de pesquisa na base *Spell (Scientific Periodicals Eletronic Library)*, da qual foram extraídos os artigos que apresentaram total aderência ao tema.

A análise quantitativa, por sua vez, representa a intenção de garantir a precisão dos resultados, evitar distorções de análise e interpretação, possibilitando uma margem de segurança quanto às inferências (RICHARDSON, 2012), que neste estudo, utilizou-se como técnica a análise de regressão logística binária, na qual, a variável resposta do modelo tem distribuição binomial e a função de ligação é a função logística.

O objetivo da regressão logística é gerar uma função matemática que permita calcular a probabilidade de uma observação pertencer a um grupo pré-determinado, em função do comportamento do conjunto de variáveis independentes. Essa técnica de análise multivariada torna-se apropriada em situações nas quais a variável dependente é categórica e assume um entre dois resultados possíveis, tais como: “presente ou ausente”, “cliente ou não cliente” e “falência prematura ou longevidade” (FÁVERO *et al.*, 2009). Adicionalmente, a utilização desta técnica permite que seus resultados sejam interpretados em termos de probabilidade, fator particularmente importante para o objetivo da presente pesquisa, pois possibilita que seja medida a probabilidade de uma determinada empresa vir a fracassar em face do conjunto de atributos, conforme evidenciado no item 2.2.1 Fatores de Mortalidade Empresarial.

Os coeficientes da regressão logística são estimados através do método da máxima verossimilhança e o modelo geral da regressão é dado por:

$$\ln\left(\frac{p}{1-p}\right) = \beta_0 + \beta_1 \text{FCG} + \beta_2 \text{NCG} + \beta_3 \text{CT} + \beta_4 \text{DE} + \beta_5 \text{FP} + \beta_6 \text{CE} + \varepsilon$$

Aonde p é a probabilidade de ocorrer o fracasso da empresa precocemente, β_0 representa a constante do modelo, de β_1 a β_6 indica-se o conjunto de variáveis explicativas, as quais representam respectivamente a falta de capital de giro, custo de criação da empresa muito alto, capacidade produtiva menor do que a demanda, escolha errada do ponto considerando maior volume de pessoas do que o real e seleção e gestão de pessoas sem competência para o negócio, e ε representa o erro associado à estimação.

Com essa modelagem, os coeficientes medem o efeito de alterações nas variáveis independentes sobre o logaritmo natural da razão de probabilidades, chamado de *logit* (DIAS FILHO; CORRAR, 2007). Quanto à inclusão das variáveis no modelo, fez-se o uso do método *enter*, por considerar que todas as variáveis são relevantes para estimar o modelo. Para os testes de robustez, utilizou-se os métodos *backward* e *forward*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As principais características das empresas e dos empresários são apresentadas na Tabela 1. De modo geral, observa-se que maciçamente as empresas eram lideradas por homens, representado aproximadamente 70% dos casos. Outro dado instigante, refere-se à idade desses ex-empresários, 74% deles tinham menos de 35 anos. Em grande parte, possuíam uma graduação ou iniciaram uma, o que somado representa 51%, com destaque às formações na área de administração ou engenharias. No que tange ao tempo de permanência no negócio, 46% das empresas atuaram no mercado entre 1 e 2 anos, evidenciando uma maciça falência precoce dessas empresas. Por fim, e não menos importante, destaca-se o setor de atuação dessas empresas, sendo que 62% atuavam na prestação de serviços.

Gênero	%	% acum.
Feminino	31%	31%
Masculino	69%	100%
Idade do proprietário	%	% acum.
18 a 25 anos	23%	23%
26 a 30 anos	38%	62%
31 a 35 anos	13%	74%
36 a 45 anos	18%	92%
46 anos ou acima	8%	100%
Grau de instrução	%	% acum.
Ensino Médio Completo	31%	31%
Ensino Superior Completo	38%	69%
Ensino Superior Incompleto	23%	92%
Pós-Graduação	8%	100%
Formação acadêmica	%	% acum.
Administração	21%	21%
Ciências Contábeis	8%	28%
Engenharias (Civil, Elétrica, Mecânica, Produção)	18%	46%
Sem formação acadêmica	54%	100%
Tempo de permanência no negócio	%	% acum.
Acima de 5 anos	8%	8%
De 1 a 2 anos	46%	54%
De 3 a 5 anos	15%	69%
Menos de 1 ano	31%	100%
Comércio	23%	23%
Setor	%	% acum.
Construção Civil	5%	28%
Indústria	10%	38%
Prestação de serviços	62%	100%

Tabela 1 – Caracterização das empresas e dos ex-empresários

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Para a aplicação da técnica, os 36 casos da amostra foram validados e utilizados. Com base na Tabela 2, observa-se que as variáveis preditoras não apresentaram colinearidade significativas, sendo que em todos os casos apresentaram tolerância superior a 0,10 e VIF menor do que 10. Desse modo, indicam a possibilidade da aplicação da regressão logística.

Modelo*	Estatísticas de colinearidade	
	Tolerância	VIF
FCG	0,847	1,18
NCG	0,669	1,496

CT	0,747	1,338
DE	0,765	1,307
FP	0,749	1,335
CE	0,789	1,268

Tabela 2 – Colinearidade das variáveis

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Nota: FCG – Falta de Capital de Giro; NCG – Nível de Conhecimento Gerencial; CT – Carga Tributária; DE – Despesas Excessivas; FP – Falta De Planejamento; CE – Crise Econômica.

O ponto de corte, para segregação dos grupos, foi considerado 0,5, haja vista que a classificação da mortalidade das empresas de 0 a 3 foi categorizada como 0; e de 4 em diante, como 1. Na tabela 3, consta a classificação inicial, ou seja, sem considerar as variáveis predictoras.

Observado	Previsto		% de acerto
	Tempo		
	0	1	
Falência de 0 a 3 anos	24	0	100
Falência após 3 anos	12	0	0
% global de acerto			66,7

Tabela 3 – Classificação inicial dos casos

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Observa-se que, inicialmente, o modelo classificou 24 casos como falência até 3 anos, acertado em 100% dos casos. Ao passo que nos 12 casos foram classificados como falência após 3 anos, todos foram incorretamente classificados. De modo geral, o percentual de acerto foi de aproximadamente 67%.

A Tabela 4 apresenta a estatística *Wald*, alusiva à constante incluída no modelo e sua significância. Nota-se que ela apresenta significância de 5%, logo, indicando contribuição nas previsões de classificação das empresas quanto a sua longevidade.

		B	S.E.	Wald	df	Sig.	Exp (B)
Etapa 0	Constante	-,693	,354	3,844	1	,050**	,500

Tabela 4 – Estatística Wald para a constante

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Nota: *, ** e *** indicam significância estatística a 10%, 5% e 1%, respectivamente.

Já na Tabela 5, consta os resultados do teste *omnibus*. Esse teste verifica a hipótese de nulidade dos coeficientes. Observa-se que os resultados foram significativos nas etapas 4 e 5, portanto, podendo-se rejeitar a hipótese de que todos os coeficientes são nulos e indicar que os coeficientes do modelo contribuem para a melhoria da assertividade das previsões.

		Qui-quadrado	df	Sig.
Etapa 1	Etapa	8,831	6	,183
	Bloco	8,831	6	,183
	Modelo	8,831	6	,183
Etapa 2	Etapa	-,041	1	,839
	Bloco	8,790	5	,118
	Modelo	8,790	5	,118
Etapa 3 ^a	Etapa	-,065	1	,799
	Bloco	8,725	4	,068
	Modelo	8,725	4	,068

Etapa 4 ^a	Etapa	-,089	1	,765
	Bloco	8,636	3	,035**
	Modelo	8,636	3	,035**
Etapa 5 ^a	Etapa	-,410	1	,522
	Bloco	8,226	2	,016**
	Modelo	8,226	2	,016**

Tabela 5 – Testes Omnibus

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Nota: *, ** e *** indicam significância estatística a 10%, 5% e 1%, respectivamente.

Na Tabela 6, apresentam-se os pseudos-R² de *Cox e Snell* e de *Nagelkerke*. Os resultados dos pseudos-R² indicam a proporção da variância do logaritmo da razão de chance (*P*) que é explicada pelas variações ocorridas nas variáveis independentes. Dito em outras palavras, no que diz respeito à utilidade desses testes, os mesmos servem para avaliar a assertividade do modelo de regressão quanto as suas previsões.

Etapa	Verossimilhança de log -2	R quadrado Cox & Snell	R quadrado Nagelkerke
1	36,998 ^a	,218	,302
2	37,039 ^a	,217	,301
3	37,104 ^a	,215	,299
4	37,193 ^a	,213	,296
5	37,603 ^a	,204	,284

Tabela 6 – Resumo do modelo

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Observa-se que com a exclusão das variáveis do modelo, o R² de *Nagelkerke* vai diminuindo, sendo que, na 5^a etapa, 28,4% das variações ocorridas no logaritmo da razão de chance são provenientes das variações nas variáveis independentes do modelo.

A evidenciação da Tabela 7 diz respeito ao teste de *Hosmer e Lemeshow*. Esse teste indica a veracidade da hipótese de que não existem diferenças significativas entre os resultados previstos pelo modelo e os observados. Com os resultados dos testes, observa-se que em todas as etapas apresentam significância superior a 0,10 (sig. > 0,05), indicando que os valores previstos não são diferentes dos observados, logo, pode-se utilizar o modelo para estimar a probabilidade de uma empresa entrar em colapso nos primeiros três anos ou posterior a isso, em função das variáveis predictoras.

Etapa	Qui-quadrado	df	Sig.
1	,000	7	1,000
2	,000	7	1,000
3	,000	7	1,000
4	1,666	7	,976
5	,416	6	,999

Tabela 7 – Teste de Hosmer e Lemeshow

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Com a Tabela 8, expõe-se a classificação das empresas com o uso do modelo já com as variáveis predictoras inclusas. Na quinta etapa, o modelo amplia seu percentual de acerto de classificação de 66,75 para 77,8%.

Observado		Previsto		
		Tempo		% de acerto
		0	1	
Etapa 1	Falência de 0 a 3 anos	22	2	91,7
	Falência após 3 anos	5	7	58,3
	% global de acerto			80,6
Etapa 2	Falência de 0 a 3 anos	22	2	91,7
	Falência após 3 anos	5	7	58,3
	% global de acerto			80,6
Etapa 3	Falência de 0 a 3 anos	22	2	91,7
	Falência após 3 anos	5	7	58,3
	% global de acerto			80,6
Etapa 4	Falência de 0 a 3 anos	22	2	91,7
	Falência após 3 anos	5	7	58,3
	% global de acerto			80,6
Etapa 5	Falência de 0 a 3 anos	21	3	87,5
	Falência após 3 anos	5	7	58,3
	% global de acerto			77,8

Tabela 8 – Classificação final das empresas por etapa

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Para demonstrar os coeficientes das variáveis utilizadas em cada etapa do modelo e sua respectiva estatística *Wald*, utiliza-se a Tabela 9. Com base na referida tabela, observa-se que os coeficientes das variáveis Nível de Conhecimento Gerencial (NCG) e Carga Tributária (CT) são estatisticamente diferentes de zero em todas as etapas (*Sig.* < 0,10), sendo que, na quinta etapa, a variável NCG apresenta-se significativa a 5%. Portanto, essas variáveis contribuem significativamente para prever a falência das empresas até o terceiro ano, ou após a isso. Tal evidência vai ao encontro dos resultados expostos no estudo de Barrow (1993), principalmente, quanto aos itens a) falta de experiência do empreendedor (relacionado, aqui, com o NCG) e o d) falta de capital de giro.

		B	S.E.	Wald	df	Sig.	Exp (B)
Etapa 1	NCG	,653	,379	2,978	1	,084*	1,922
	CT	,741	,434	2,919	1	,088*	2,098
	FCG	-,142	,480	,088	1	,767	,867
	FP	-,161	,494	,106	1	,744	,851
	CE	,099	,494	,040	1	,842	1,104
	DE	-,162	,354	,211	1	,646	,850
	Constante	-3,408	3,738	,831	1	,362	,033
Etapa 2	NCG	,659	,375	3,084	1	,079*	1,934
	CT	,770	,414	3,459	1	,063*	2,159
	FCG	-,119	,467	,065	1	,799	,888
	FP	-,162	,493	,107	1	,743	,851
	DE	-,168	,355	,224	1	,636	,845
	Constante	-3,153	3,504	,810	1	,368	,043
Etapa 3	NCG	,684	,367	3,474	1	,062*	1,981
	CT	,776	,415	3,506	1	,061*	2,173
	FP	-,144	,485	,089	1	,766	,866
	DE	-,156	,349	,199	1	,656	,856
	Constante	-3,869	2,139	3,274	1	,070*	,021
Etapa 4	NCG	,637	,328	3,772	1	,052*	1,890
	CT	,787	,416	3,575	1	,059*	2,196
	DE	-,202	,320	,398	1	,528	,817

	Constante	-4,212	1,822	5,343	1	,021**	,015
Etapa 5	NCG	,658	,326	4,063	1	,044**	1,931
	CT	,680	,371	3,361	1	,067*	1,974
	Constante	-4,588	1,732	7,019	1	,008***	,010

Tabela 9 – Variáveis do modelo de regressão logística

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Nota: *, ** e *** indicam significância estatística a 10%, 5% e 1%, respectivamente.

Cabe destacar ainda que essas variáveis que têm *Exp (B)* maiores que 1, indicando, desse modo, que quando os previsores aumentam, as chances de ocorrer falência da empresa nos primeiros três anos também aumentam. Dito de outra forma, quando se tem baixo nível de conhecimento gerencial e alta carga tributária, praticamente dobram-se as chances da empresa falir até o terceiro ano de existência. Mais uma vez, esses resultados corroboram com os apontamentos de Barrow (1993).

De modo geral, observa-se que o modelo de regressão logística adotado é significativo e contribui para prever os fatores que impactam no tempo de sobrevivência das empresas do Litoral Norte de Santa Catarina. O modelo estima que o nível de conhecimento gerencial e a carga tributária são os fatores mais preponderantes para que as empresas encerrassem as suas atividades nos primeiros três anos de atividade e, praticamente, duplicam a chance desse evento.

Os resultados foram submetidos a testes de robustez adicionais, a exemplo, foi rodado o modelo com fatores de interação de todas as variáveis independentes, bem como o fator de interação entre o nível de conhecimento gerencial e carga tributária. Em todos os casos, os resultados não se alteraram qualitativamente.

Esses resultados corroboram o referencial teórico, no que tange o despreparo dos empreendedores na formulação e abertura de um negócio. Uma possível saída seria a abordagem do empreendedorismo como um método de ação humana, comparável ao social, forças como a democracia e o método científico, ou seja, uma maneira poderosa de combate expressivo e permanente de problemas (SARASVATHY; VENKATARAMAN, 2010).

CONCLUSÃO

Tendo em vista a relevância econômica e social das micro e pequenas empresas o estudo contribui no entendimento dos fatores que mais impactam para o fechamento dos micro e pequenos empreendimentos no Litoral Norte de Santa Catarina.

Como procedimentos metodológicos adotados para o cumprimento do objetivo proposto, este estudo contou com uma pesquisa teórico-empírica, de natureza quantitativa, de caráter descritivo com a utilização das técnicas de análise multivariada com o uso da técnica estatística da regressão logística binária sob o método *Backward Stepwise*.

De modo geral, os resultados do estudo corroboram as previsões do referencial teórico. O modelo de regressão logística adotado mostrou-se significativo, desse modo, contribui para prever os fatores que impactam na longevidade das empresas do Litoral Norte de Santa Catarina, considerando a percepção de seu ex-proprietários. Os principais resultados apontam que o nível de conhecimento gerencial e a carga tributária são os fatores mais preponderantes para que as empresas encerrassem as suas atividades nos primeiros três anos de atividade e, praticamente, duplicam a chance desse evento.

Esses resultados também podem ajudar a subsidiar as ações, em nível governamental, educacional e de entidades de classe, objetivando uma melhora nestes índices de mortalidade empresarial que assolam este país (IBGE, 2013). Nesse sentido, este estudo também chama a



atenção para com os cuidados relacionados ao conhecimento gerencial e da carga tributária antes de se abrir um novo negócio.

São reconhecidas e destacadas as limitações dessa pesquisa, as quais exigem cautela em suas interpretações. A primeira delas diz respeito a amostra embasada nos dados de uma região única do estado de Santa Catarina. Também se destaca o período de análise relativamente curto, sendo necessária sua extensão para maior e uma melhor análise, de forma a subsidiar mais inferências estatísticas.

Por fim, indica-se que novas pesquisas podem ampliar o escopo teórico e metodológico para superar as limitações supracitadas, bem como ampliar sua abrangência. Desse modo, sugere-se, para as próximas pesquisas, uma análise com um período maior de tempo e de empresas, inclusive comparativas com as demais regiões do estado de Santa Catarina, e ainda a inclusão de outros estados brasileiros na análise para uma melhor compreensão da falência dessas empresas.

REFERÊNCIAS

BARROW, C. **The essence of small business**. Hertfordshire: Prentice Hall, 1993.

BORBA, M. L.; HOELTGEBAUM, M.; SILVEIRA, A. A produção científica em empreendedorismo: análise do academy of management meeting: 1954-2005. **RAM - Revista de Administração Mackenzie**, v. 12, n. 2, p. 169-206, 2011.

D AS FILHO, J. M.; CORRAR, L. J. Regressão logística. In: CORRAR, L. J; PAULO, E.; DIAS FILHO, J. M. (Coord.). **Análise multivariada: para os cursos de administração, ciências contábeis e economia**. São Paulo: Atlas, 2007.

EDMISTER, R. O. An Empirical Test of Financial Ratio Analysis for Small Business Failure Prediction. **Journal of Financial and Quantitative Analysis**, v. 7, n. 2, p. 1477-1493, 1972.

FAVERO, L. P.; BELFIORE, P.; DA SILVA, F. L.; CHAN, B. L. **Análise de dados: modelagem multivariada para tomada de decisões**. 2. triagem. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

FERREIRA, L. F. F.; OLIVA, F. L.; DOS SANTOS, S. A.; DE HILDEBRAND E GRISI, C. C.; LIMA, A. C. Análise quantitativa sobre a mortalidade precoce de micro e pequenas empresas da cidade de São Paulo. **Revista Gestão e Produção**, v. 19, n. 4, p. 88-823, 2012.

FILION, L. J. Visão e Relações: elementos para um metamodelo empreendedor. **Revista Administração de Empresas**, v. 33, n. 6, 1993. p. 50-61, 1993.

FILION, L. J. From entrepreneurship to entreprenology. **Journal of Enterprising Culture**, v. 6, n. 1, p. 1-23, 1998.

FILION, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **Revista de Administração**, v. 34, n. 2, p. 05-28, 1999.



FILION, L. J. Diferenças entre sistemas gerenciais de empreendedores e operadores de pequenos negócios. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, v. 39, n. 4, p. 6-20, 1999a.

HISRICH, R. D.; PETERS, M. P.; SHEPHERD, D. A. **Empreendedorismo**. 7. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

IBGE. **Demografia das empresas** (2013). Disponível em: <
http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php?id_pesquisa=93>.
Acesso em 23 ago. 2017.

JONES, M.V.; COVIELLO, N.; TANG, Y. K. International entrepreneurship research (1989–2009): a domain ontology and thematic analysis. **Journal of business venturing**, v. 26, n. 6, p. 632-659, 2011.

LIMA, E. O.; ZOSCHKE, A C. K. Relações dos dirigentes e gestão estratégica de pequenas e médias empresas. **RAI-Revista de Administração e Inovação**, v. 4, n. 2, p. 150-164, 2007.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 2012.

SARASVATHY, S. D.; VENKATARAMAN, S. D. **Entrepreneurship as Method: Open Questions for na Entrepreneurial Future**. Baylor University. Theoretical essay, 2010.

SARASVATHY, S. D.; VENKATARAMAN, S. Entrepreneurship as method: Open questions for an entrepreneurial future. **Entrepreneurship theory and practice**, v. 35, n. 1, p. 113-135, 2011.

SCHREIER, J. W.; KOMIVES, J. L. **The entrepreneur and new enterprise formation: a resource guide**. Milwaukee: Center for Venture Management, 1973.

SEBRAE; DIEESE. **Anuário do trabalho na micro e pequena empresa 2010/2011**. 4. ed. São Paulo: DIEESE, 2011.

VESPER, K. H. Sub-fields of entrepreneurship. Proceedings of the Annual Meeting of the Academy of Management, Orlando – FL, 37, **Proceedings...** Florida: AOM, 1977.

ZAHRA, S. A.; GEORGE, G. International entrepreneurship: The current status of the field and future research agenda. In: MICHAEL, A. et al. **Strategic entrepreneurship: Creating a new mindset**. London: Backwell, 2002.